

A Aventura

ESTA é a história extraordinária de um assombroso Crusoe moderno, Ralph Edwards, que, sozinho e sem outros instrumentos que o seu engenho, fundou um núcleo de civilização em plena selva. Ursos e temperaturas de 40° abaixo de zero; florestas virgens, quase impenetráveis, de abetos de 30 metros de altura; a solidão e o abandono total— tudo êle venceu. Com uma habilidade inesgotável e um espírito indomável, dominou tôdas as adversidades e conquistou um exuberante meio de vida para si e a família que veio depois. Como êle conseguiu tudo isso é contado pela primeira vez, de maneira magistral, por Leland Stowe, notável correspondente estrangeiro, detentor do Prêmio Pulitzer de jornalismo.



Maravilhosa de Ralph Edwards

Condensação de um livro a sair*

LELAND STOWE

DURANTE OS 500 quilômetros de viagem desde Vancouver, um passageiro de aparência juvenil manteve os olhos fixos em terra, debruçado na amurada, como se nunca se pudesse faltar de ver as montanhas da Colúmbia Britânica. A não ser isso e talvez o cabelo ruivo que se encaracolava por baixo do boné e sua pouca altura—1,65 m—ele não tinha nada que chamasse a atenção. Ninguém poderia conceber

—naquele dia de agosto de 1912—que esse homem de pequena estatura estava resolvido a arrostar sozinho um sertão onde nunca vivera um homem branco.

Ralph Edwards procedia da Califórnia e ia tomar posse do pedaço de terra com a qual sonhara havia tanto tempo e transformá-lo numa fazenda. Desembarcou no minúsculo pôrto marítimo de Bella Coola e pôs-se a caminho para o interior. Sessenta e

* "Crusoe of Lonesome Lake", copyright, 1957, do autor, edição de Random House, New York 22, N.Y., E.U.A.

cinco quilômetros de marcha forçada levaram-no até ao lugarejo de Atnarko, cuja meia dúzia de cabanas marcavam o limite de habitações humanas permanentes naquele sertão. Ali, o caçador Frank Ratcliff lhe falou num lago "bonito de verdade", que ficava do outro lado das montanhas, no vale do Rio Atnarko. E assim, com Ratcliff como seu guia, Edwards partiu num dia resplandente de outubro para encontrar, em algum lugar da selva densa, o lugar para sua casa permanente.

Passados dois dias, depois de caminhar e rastejar por terreno quase impenetrável, chegaram a um cume e Ratcliff apontou para o norte onde o Atnarko se esparramava numa vastidão côr de turquesa, tranqüila e fulgurante. O Lago Solitário ficava entre grandes escarpas de floresta ininterrupta que subiam para os picos de uma imponente cordilheira.

Na sua primeira e rápida inspeção do vale, o que impressionou Edwards, tanto quanto a beleza agreste, foi a quantidade de aves selvagens. Grandes bandos de patos e gansos sobrevoavam o lago em círculos vertiginosos, grasnando. Devia haver também bom peixe por ali.

—E toda a espécie de caça que você possa imaginar—garantiu-lhe Frank.—Martas, lontras, castores e tudo mais. Cabritos-monteses, pumas e lobos. E não faltam ursos-pardos... talvez mais do que você possa vir a apreciar.

Nessa noite, quando acamparam junto ao lago e uma lua cheia espá-

lhou um tapête brilhante através das águas paradas, Ralph sentiu o silêncio da imensidão intensificar-se em seu redor; era como estar numa grande catedral vazia. Sua vida adquiria uma nova paz e uma nova alegria, que êle nunca mais havia de perder e à qual nunca mais havia de renunciar.

Na manhã seguinte, êles continuaram a avançar pelo aluvial com seu magnífico solo escuro. Por toda a parte em volta dêles se erguiam cedros virgens e abetos, muitos com dois metros e meio de diâmetro na base e mais de 30 metros de altura. Perto da margem do lago, entre as ramificações de um pequeno ribeirão, grandes juncos luminosos e faias que pareciam dardos punham ouro-péis amarelos e dourados entre as escuras sempre-verdes. Dominando tudo, muito perto, erguia-se o impressionante Monte Walker com 2.100 metros de altura.

—Não precisamos procurar mais —disse Ralph.

Poder tomar posse de 65 hectares daquelas fecundas e belas terras era para êle como encontrar o céu neste mundo.

QUEM ERA êsse Ralph Edwards que, aos 21 anos, saía para abrir uma fazenda no meio de florestas primitivas, em meio a privações que poucos norte-americanos têm enfrentado desde os tempos dos pioneiros? Aos 17 anos, era colono em uma fazenda da Califórnia, trabalhando 12 horas por dia, durante seis dias da semana,

em troca de um magro salário mensal, com casa e comida. Quando ouviu dizer que havia terras de graça na Colúmbia Britânica, não precisou saber de mais nada.

Durante os quatro anos seguintes Ralph dedicou tôdas as horas que passava acordado a preparar-se para o seu grande objetivo. Comprou os livros que o filho de seu patrão usava na escola de Agronomia e tratou de fazer estudos idênticos por conta própria. Estudava noite após noite. Durante quatro anos economizou até ao último vintém para juntar o pecúlio destinado à sua propriedade. Assim, quando partiu para o norte, rumo à costa do Pacífico, no Canadá, ia bem preparado. E fizera tudo sozinho—como aconteceria sempre durante o resto de sua vida.

Foi um grande acontecimento quando, em janeiro de 1913, o Departamento de Terras e Colonização da Colúmbia Britânica concedeu a Ralph Edwards a preferência de 65 hectares nos sertões gelados do vale do Atnarko. Qualquer outra pessoa esperaria até à primavera, antes de lançar-se a uma aventura tão temerária—mas Ralph *não podia* esperar. Com uma temperatura muito abaixo de zero, êle e Frank Ratcliff partiram, levando no lombo de cavalos as provisões iniciais.

Na caminhada para o lago do deserto, carregaram tudo nas costas, desde o último ponto a que podiam ir os cavalos na neve profunda. Passo a passo, abriram caminho através da vegetação rasteira, de avalanchas de

pedras, de encostas íngremes de penhascos, por um terreno que era então quase intransponível e que é ainda hoje assustador. Repetidamente Ralph Edwards e o caçador, seu amigo, lutavam contra a brutalidade dessa trilha de obstáculos, cada um deles carregando 30 quilos nas costas. Repetiram a viagem várias vezes, até acumularem uns 270 quilos nas margens do lago.

Depois, os jovens pioneiros construíram um grande trenó, carregaram-no com as provisões e começaram a puxá-lo por meio de cordas amarradas aos ombros, subindo o lago gelado. Cada passo correspondia a uma luta para conservar o equilíbrio. Percorreram assim 11 quilômetros.

Quando fizeram uma última parada, no extremo do Lago Solitário, um bando de grandes pássaros brancos irrompeu em vôo tumultuoso, emitindo, ao alçar vôo com asas possantes, uma série de gritos claros semelhantes ao som de uma trompa.

—Cisnes selvagens—disse Frank.
—Êles passam aqui o inverno.

Para Ralph, os grandes cisnes brancos pareceram um bom prenúncio; levavam àquela alvura silenciosa um calor repentino e uma promessa de companhia.

Naquela noite, com uma temperatura de 23°C abaixo de zero, os dois dormiram sobre galhos de bálsamo. Na manhã seguinte, começaram a construir uma cabana. Derrubaram pinheiros novos e cortaram-nos em toras. Frank ia ensinando a Ralph a

fazer as incisões para uni-los. Em três dias, a cabana havia sido erguida e coberta.

No quarto dia, Ratcliff voltou para as suas armadilhas. E Ralph começou a derrubar as árvores colossais de que se propunha a arrancar sòzinho uma fazenda!

O JOVEM proprietário tinha os conhecimentos mais rudimentares possíveis da arte de lenhador; entretanto, como um castor roendo um gigante da floresta, atirava seu pequeno corpo contra os monarcas seculares, da altura de edifícios de dez andares, e abatia-os, alguns mais cada dia. Trabalhava com a energia concentrada e o propósito inflamado de um homem cuja existência está em jogo. Pouquinho a pouquinho, foi-se abrindo, lá no alto, uma animadora nesga de azul. Cada dia o encontrava contando mais alguns metros quadrados de terreno recentemente conquistado. Tôdas as noites, êle preparava sua refeição simples numa fogueira ao ar livre. Cozinhará pouco na vida, mas procurava aplicar o que observara das técnicas de acampar de Ratcliff. E quando caçou o primeiro gamo, era tão gordinho e tenro que mesmo os seus esforços de amador "davam a medida do quanto pode ser gostosa a carne fresca de gamo".

Durante todo aquêlê primeiro inverno frígido e nevado o jovem pioneiro viveu numa solidão como nunca imaginara possível. Todos os dias o cair da noite abafava sua cabana num silêncio às vezes tão sufocante

que o alarido súbito de uma alcatéia de lônços nas proximidades era um alívio. Como suportar uma solidão assim? Dia após dia, Ralph se deixava levar pelo trabalho a uma fadiga extrema a fim de que suas horas de escuridão fôssem encurtadas pela necessidade do sono. Forçava o espírito, tôdas as noites, a concentrar-se na quota de progresso a ser alcançada no dia seguinte. E compreendeu depressa que uma rotina de trabalho árduo é a maneira mais segura de vencer a solidão. Descobriu, por necessidade, a viver consigo mesmo. Tinha que o fazer, se quisesse realizar sua ambição consumidora.

Quando chegou o tardio degêlo da primavera, Ralph já tinha aberto um retângulo apreciável na floresta virgem, perto da corrente bifurcada, que êle passara a chamar o Ribeirão de Casa. Usando longas varas como alavancas, conseguiu, com tremendo esforço, arrancar uma quantidade suficiente de tocos para pôr a descoberto uma nesga de boa e escura marga. Para evitar a aproximação dos ursos-pardos e dos veados, Ralph rachou estacas e cercou os seus preciosos metros quadrados de terreno desobstruído com uma cêrca alta e forte. Em seguida plantou—e com que exultação!—a sua primeira minúscula horta: cenouras, bisnagas, beterrabas, nabos. Depois disso êle "saiu" a enfrentar um longo e áspero caminho para trabalhar num emprêgo de verão perto de Bella Coola. No futuro, durante anos a fio, seria êsse o seu único meio de financiar

sete ou oito meses de inverno dedicados a assentar os alicerces de sua fazenda.

Quando voltou naquele outono, Ralph recomeçou sua obstinada batalha para afastar a floresta, passo a passo, mais uns 30 metros. E todos os dias aprendia alguma nova maneira de melhorar a sua sorte. Aprendeu novas técnicas pelo único processo que tinha ao seu alcance—fazendo.

Descer e subir o Lago Solitário, por exemplo, remando numa jangada primitiva, era uma tarefa estafante. Até mesmo uma piroga seria um aperfeiçoamento. Sobre a maneira de fabricar essa embarcação primitiva com um tronco de árvore ele só sabia o que se lembrava da leitura de *Robinson Crusoe*, mas pôs seus conhecimentos em ação. Dentro de poucos dias, tinha cavado com fogo um grande tronco de cedro, transformando-o numa canoa razoável. Era um pouco desajeitada e pesada, mas ele conseguiu descer o lago dentro dela com muito menos suor e esforço do que na jangada. Quando tivesse tempo para partir

fasquias, pensou consigo mesmo, construiria um barco.

Quando garoto ele não gostava de carpintaria, mas agora planejava construir tudo o que sua fazenda necessitasse: primeiro, uma cabana maior; mais tarde, celeiros e galpões.

Quando chegou a terceira primavera, Ralph já tinha desmatado alguns hectares de terreno, e naquele outono atacou o seu primeiro projeto importante de construção: o levantamento de uma casa permanente—cabana espaçosa, com três peças, suficientemente grande para a família que esperava constituir um dia.

Precisou dum inverno inteiro de trabalho só para derrubar os cedros, limpá-los e cortá-los em toras, abrir estas e talhá-las com cuidado metuculoso. Mas como transportar as grandes toras de três metros e meio para o local da cabana? Foi aí que se manifestou, pela primeira vez, o extraordinário espírito de Ralph. “Preciso construir uma espécie de trole”, resolveu.

Depois de cortar e descascar pequenos amieiros, fez com eles uma estrada de bitola estreita, segurando-os sobre dormentes com cavi-lhas de madeira. Fez rodas tôscas, provavelmente de maneira muito semelhante à do primeiro inventor. De troncos de abetos bem redondos, ser-



rou rodela de oito centímetros de espessura e fêz delas peças razoavelmente circulares, pregando depois em volta varas de vidoeiro como aros.

E os mancais? O êxito ou o insucesso dependeria de arranjá-los, e êle não dispunha de metal, nem de forja. Nesse ponto Ralph demonstrou capacidade de aplicar observação penetrante e memória numa de suas formas mais valiosas—a associação de idéias. No futuro êle solucionaria muitos problemas difíceis com êsse dom de juntar coisas aparentemente desconexas numa associação inédita.

No primeiro inverno, ocupado em cortar e queimar, êle notara que a madeira, quando queimada parcialmente, se tornava difícil de cortar—mesmo com o machado mais afiado. Quando procurava um meio de fazer mancais para as rodas do seu trole, veio-lhe à cabeça essa particularidade. “Aposto que o vidoeiro chamuscado seria bastante forte para resistir”, disse êle consigo mesmo.

Embora nunca tivesse ouvido falar em tal coisa, desbastou laboriosamente pequenos pedaços de vidoeiro até dar-lhes a forma desejada, poliu-os cuidadosamente e colocou-os firmemente no lugar. Mesmo com muito



pêso, os mancais resistiram! Com gordura de urso como graxa, os eixos e rodas tôscas rolaram bastante bem. Faltava só construir uma estrutura resistente para o carro, e estava pronto o trole.

Uma vez pronto, êle passou a transportar até nove toros de três metros e meio de comprimento através dos 300 metros da clareira até ao local da cabana. Para um homem de pequena estatura, inteiramente só, era uma vitória formidável, que lhe deu coragem e confiança para o próximo passo — a construção da cabana de três cômodos.

Usando estacas inclinadas e uma roldana de corda, Ralph conseguia encaixar primeiro uma extremidade e depois outra de cada tronco. Era um trabalho pesado e torturantemente vagaroso, pois êle era forçado a trabalhar exposto à brutalidade de

um tempo gélido, durante invernos sucessivos com temperaturas abaixo de -18°C . Levou assim “bem mais de dois anos” para construir a sua cabana, já que todo o verão êle continuava “trabalhando fora”.

Quando afinal terminou, Ralph tinha uma estrutura sólida, com uma cozinha—sala de estar de $3,5 \times 3,5$ m, um quarto de dormir de $3 \times 3,5$ m e um quarto grande em cima. Aplai-nou as paredes interiores da cabana até dar ao cedro uma aparência de brilho e limpeza. Depois aparelhou tábuas de vidoeiro para o soalho, tábuas largas e grossas, desbastando-as com uma habilidade que não imaginaria possível três anos antes. A seguir foi buscar vidraças, trazendo-as às costas pelo caminho acidentado. Por um quase milagre, nenhuma delas se quebrou.

Depois de fazer e assentar as janelas, êle instalou as poucas peças de mobiliário feitas por êle mesmo—uma mesa, um banco e duas cadeiras—e construiu uma espaçosa varanda na frente. Chamou a sua nova casa de “Os Vidoeiros”.

Pela primeira vez existia uma casa de verdade no primitivo vale do Atnarko, como promessa de que junto dela cresceria uma fazenda, tão seguramente como o verão sucede à chegada dos pintarroxos.

Mas restava o problema urgente de ampliar a clareira até que pudesse assegurar, sob a forma de hortas e pastagens, a base para uma fazenda em condições de auto-subsistência. Ralph se pôs de novo a derrubar e

queimar árvores de ambos os lados do Ribeirão de Casa, estendendo o terreno limpo pelas encostas abaixo na direção do rio. Ao chegar a primavera de 1917 ainda lhe faltava muitíssimo que fazer; ao cabo de cinco anos, mal tinha conquistado da selva dois hectares e meio. Mas êsses dois hectares e meio haviam sido conquistados para sempre. E ainda bem, pois em breve êle teria que abandoná-los por algum tempo.

Quando os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra Mundial, Ralph pendurou a carabina na parede da cabana, guardou os seus poucos utensílios e, cerrando a porta que não tinha fechadura, pôs-se a caminho pela trilha de 90 quilômetros, a pé e sobre água, até Bella Coola, para daí voltar à civilização e alistar-se. Na França, serviu no Exército Americano, desde a batalha de Château-Thierry até à ocupação do Reno.

A VOLTA do sargento Ralph Edwards, em setembro de 1919, foi seguramente diferente da de qualquer outro soldado americano. Carregando nas costas uns 35 quilos de provisões e uma bela espingarda nova, êle subiu a pé o vale de Bella Coola, percorrendo os 65 quilômetros até Atnarko; depois, na manhã seguinte, prosseguiu viagem até ao Lago Solitário. Aí parou para construir uma jangada que servisse à longa estirada até à cabana. Quando brandia o machado e amarrava os troncos, sentiu a velha habilidade despertar de novo nos braços e mãos. Fêz um par de remos,

assentou forquetas tôscas e, com o sol ainda alto, começou a subida pela margem oriental do Lago Solitário. Numa curva reentrante da praia, alguma coisa se moveu. Sim, era um urso de tamanho regular. Com sua nova Remington, abateu-o com um só tiro atrás da orelha, esfolou-o e pôs o grande cadáver na jangada. Teria bife de urso fresco para a sua primeira refeição no velho sítio. Antes de chegar à nascente tinha matado mais dois. Pensou nas várias maneiras como utilizaria a carne e a gordura, as peles e até mesmo os ossos (para fertilizante).

Saltando de sua jangada para a margem, Ralph encontrou vestígios de seu velho caminho, já fechados pela vegetação, e avançou animadamente pela floresta até à clareira. Lá estava sua cabana, aninhada na arcada dos imensos vidoeiros brancos. Atravessou de um salto o riacho, subiu correndo os degraus da varanda e empurrou a porta. Estava tudo exatamente como êle deixara havia mais de dois anos!

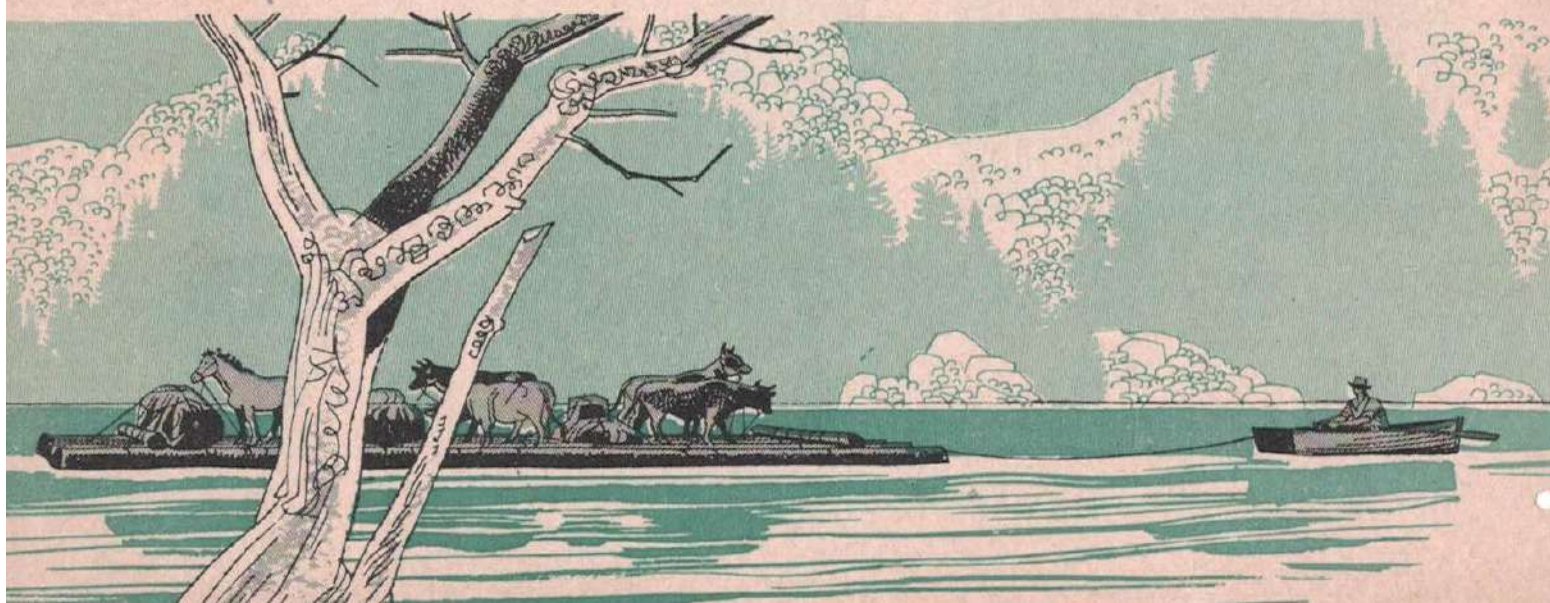
Ralph trabalhou todo aquele outono até à primavera com renovada energia. Pela primeira vez, graças ao

dinheiro que economizara quando soldado, podia apressar o desenvolvimento de seus poucos hectares de terra, transformando-os numa fazenda de verdade. Podia até dar-se ao luxo de comprar um cavalo!

Nessas condições, cortou o pesado capim rabo de rato, que plantara dois anos antes, e construiu um pequeno galpão onde armazená-lo. Depois desceu o vale para a expedição de compras mais importante que já fizera até então.

Depois de comprar um potro vigoroso, que chamou de Ginty, Ralph comprou um destocador e uma variedade de utensílios. Comprou também três novilhos e uma bezerra e, bem ou mal, conseguiu fazer passar cada um dos animais sem acidente pela trilha. Mas não era possível conduzir gado a pé por nenhuma das margens do Lago Solitário. Nem êles poderiam nadar por espaço de quilômetros. Que fazer?

Agindo bem a seu feitio, o jovem pioneiro construiu uma grande jangada e depois impôs aos seus modestos 65 quilos de pêso uma tarefa que poucos atletas de um metro e oitenta e tantos apreciariam: atrelar ao seu



"Sensationnelle"

É como definem os cabeleireiros parisienses a ação estimulante do óleo de tutano, no tratamento dos cabelos.

Essa sensacional proteção está no

ÓLEO DE Mocotó COLIBRI

Basta uma boa fricção junto à raiz dos cabelos. Óleo de Mocotó Colibri limpa e protege. Elimina a caspa e dá ao seu penteado uma aparência impecável e duradoura!

* Proteção
para os cabelos!

* Beleza
para o penteado!

... e que
perfume
suave!



À venda nas farmácias e perfumarias.

Perf. Colibri, Cx. Postal, 354 - P. Alegre - R. G. S.

barco de remo a jangada, com o seu pesado carregamento, e puxá-la num percurso de 11 quilômetros, lago acima! Recordando êsse feito, anos depois, tipicamente Edwards resumiu-o numa declaração lacônica:

—Foram cêrca de quatro horas, de bom remar.

Contando com um cavalo e algumas cabeças de gado, Os Vidoeiros estavam equipados com os elementos de uma fazenda, e antes que chegassem as grandes nevadas Ralph havia acrescentado um estábulo aos seus domínios. Estava vencido o primeiro grande *round* de sua luta contra o sertão.

Mas sua fazenda progrediria mais depressa, refletiu Ralph, se êle não tivesse que arranjar recursos "trabalhando fora". Por que não começar a caçar animais para vender as peles?

Durante os 30 anos seguintes, a caça com armadilhas proporcionou a Ralph sua única fonte de renda, com a qual ia adquirindo limitadamente as suas provisões de inverno e seu equipamento agrícola. Comprou uma carroça num ano, uma ceifadeira no outro, um ancinho para ser puxado pelo cavalo no seguinte e outros utensílios mecânicos pouco a pouco.

Com essas atividades foi continuando sua existência isolada no Lago Solitário até ao quarto ano depois da guerra. Por essa época, êle já tinha compreendido plenamente a significação da advertência bíblica: "Não é bom que o homem esteja só." O Lago Solitário tinha *quase* tudo o que seu coração desejava...

NUMA VIAGEM de abastecimento, durante o outono de 1922, Ralph desceu o vale e foi além do Atnarko, para procurar alguns mantimentos de que precisava. Chegou assim à aldeia de Firvale, onde uns colonos de nome Hober, originários de Minnesota, o hospedaram por uma noite. Sua narrativa desprezível das experiências vividas na selva fascinou os Hobers e particularmente uma ovinete atenta: sua filha, uma moça esguia, de olhos claros, com 18 anos de idade.

Ethel Hober tinha a naturalidade sadia que provém de uma criação entre pioneiros. Movia-se com a graça das pessoas acostumadas ao ar livre. Seus cabelos castanhos-avermelhados coroavam uma fisionomia atraente, cuja expressão pensativa se animava com um sorriso cálido. Ralph observou com aprovação sua maneira de vestir, correta e original. Pressentiu nela uma maturidade de espírito muito superior à sua idade.

Quantos jovens terão andado 65 quilômetros—para ir, e outros tantos para voltar!—através de lagos gelados e por encostas escarpadas, para fazer a corte a uma moça? Indiferente ao granizo e à neve, às tempestades e à ulceração produzida pelo frio, Ralph achava de alguma forma necessário fazer mais viagens do que nunca, para expedir e buscar correspondência. Mesmo com bom tempo era uma caminhada extenuante de dois dias da parte superior do Lago Solitário até à casa dos Hobers. Mais

conquiste o

Sorriso de saúde

eliminando o
"amarelo dos dentes"
com o Creme Dental
EUICALOL



CONSULTE SEMPRE O SEU DENTISTA!

Ele é o grande amigo da saúde... somente ele poderá vencer as cáries infecciosas e prolongar a vida dos seus dentes. Mas o seu dentista também dirá que você precisa ajudá-lo usando o Creme Dental Eucalol.

Sem que você perceba, um tênue "filme amarelo" - uma incrustação ácida - envolve seus dentes e destrói o esmalte. Então, as cáries tornam-se freqüentes. Combata esse perigo, removendo o "amarelo" com o Creme Dental Eucalol... e depois, mostre seus dentes brilhantes com o sorriso de saúde!



Creme dental
Eucalol



Mistol



Duas
fórmulas
eficazes
contra a
gripe!

Mistol SIMPLES

Corta os resfriados mais rebeldes, elimina a coriza e os espirros, proporcionando bem-estar instantâneo

Mistol ^{com} EFEDRINA

É eficaz contra a gripe, desentope o nariz e elimina em pouco tempo o catarro nasal.



Duas gotas de Mistol em cada narina...
...alívio imediato.

de uma vez, entretanto, êle realizou a proeza quase incrível de "homem de aço", esforçando-se quase até ao esgotamento e percorrendo tôda a pista de obstáculos num só dia. Qual a môça que poderia ficar insensível a um interêsse pessoal tão grande?

Naquela primavera Ethel e sua mãe aceitaram o convite de Ralph para passarem uma semana nos Vidoiros. Enquanto o animado guia as conduzia pela trilha, a môça ia adquirindo nova compreensão sôbre o seu caráter. Veio depois a longa e fascinante viagem pelo Lago Solitário. Ralph parava de remar freqüentemente para apontar as belezas do seu vale. A fazenda em si, e particularmente a cabana bem construída, com seus três cômodos e seu impressionante panorama, excederam as expectativas de mãe e filha. A semana passou depressa. Quando as hóspedes partiram, os dois jovens estavam noivos.

Depois do casamento—na casa dos Hobers, em 22 de agosto de 1923—Ralph ajudou a espôsa a subir para a sela de Ginty, montou outro cavalo que comprara, e os dois partiram para o Lago Solitário. Foi uma viagem de lua de mel que poucas môças modernas achariam tolerável. Mas Ethel Edwards sentia-se feliz em compartilhar as provações do sertão com o homem que amava, trabalhando com êle, exultando com êle, e com êle sonhando.

Juntos colheram as safras do que êle cultivara, prevendo o outono em que a população do Lago Solitário

dobrar. Juntos recolheram o feno para o gado. Veio em seguida a necessidade de estrumar a horta, para o que a natureza fornecia fertilizantes facilmente acessíveis com os salmões que todos os verões subiam em cardumes o Rio Atnarko para desovar e morrer. Ralph e Ethel enchiam com o forçado barco após barco de salmões mortos. No outono tôdas as horas do dia eram ocupadas com os preparativos essenciais para o inverno.

Com a chegada do inverno, Ethel teve que enfrentar a sua prova mais dura, quando as inspeções de Ralph às suas armadilhas o obrigavam a deixá-la sòzinha dias e noites a fio. Também Ralph, nos seus invernos de eremita, nunca achara uma coisa tão difícil como essa—afastar-se pela pequena clareira, com a mochila e a espingarda, voltando-se para um último adeus àquela esguia silhueta de menina e conhecendo bem demais o vazio de silêncio que a envolveria.

Mas antes que chegasse outro inverno, Ethel teve promessa de companhia. Em setembro ela foi para o modesto hospital de Bella Coola a fim de lá ter o primeiro filho, Stanley Bruce. Só em meados de novembro foi que o pai se atreveu a expor mãe e filho à difícil e perigosa viagem para casa. Mas não podia retardá-la por mais tempo: a neve já cobria as picadas e a temperatura congeladora ainda baixaria mais. Com galhos novos de bordo êle tecera uma cesta para carregar a criança nas costas, à moda dos índios. A viagem foi uma

Emendar fôlhas rasgadas



Emendar fôlhas de música rasgadas com esta fita adesiva transparente que não impede a leitura perfeita. "Dar um jeito" em tudo; fechar pacotes, cartas, colar fotografias e afixar avisos. Compre hoje um rôlo de

Fita Celulose

MARCA

SCOTCH



dura prova de cinco dias e cinco noites—primeira viagem ao lar que poucos recém-nascidos dos tempos modernos terão conhecido.

O filho enchia de tantas exigências os dias de Ethel que o inverno—e mais dois invernos—passaram voando. Pouco antes do terceiro aniversário de Stanley nasceu um segundo filho, Johnny, e, uns 18 meses depois, uma filha, Trudy. A população de pioneiros do Lago Solitário estava completa.

POR ESSA ÉPOCA o rancho estava produzindo quase tudo o que eles precisavam para viver. Havia um touro, uma vaca e seu bezerro, e a horta fornecia praticamente todas as coisas essenciais produzidas a 1.500 quilômetros para o sul.

A quantidade de comestíveis que Ethel conservava todos os anos deixaria assombrada a maioria das donas de casa modernas: 100 quilos de carne de vaca de criação própria; a maior parte da carne de dois veados; 50 quilos de salmão-rei, 70 quilos de ervilha e 60 de tomate; 30 quilos de cada um dos seguintes legumes: vagem, beterraba, couve-flor e brócolo; 20 litros de milho e outros tantos de verduras; 80 quilos de maçã; 40 a 50 quilos de morango e o mesmo de framboesa e amora, além de enormes quantidades de geléias.

Nas poucas coisas que não podiam fazer eles mesmos—como açúcar, sal, farinha, utensílios de cozinha, pregos ou arame—gastavam menos de 200 dólares por ano. Gastavam talvez uns

40 dólares em roupas feitas. Todo o saldo que conseguiam arranjar era aplicado em ferramentas e, especialmente, em livros. Se queriam alguma outra coisa, tratavam de fabricá-la, ou então a inventavam ou improvisavam.

Assim, quando chegou o outono de 1929, haviam alcançado maior segurança e tinham diante de si perspectivas mais satisfatórias do que em qualquer outra época. Mas não era por isso que eles recordavam outubro de 1929, nem tão pouco pela crise de Wall Street, que abalou o mundo exterior. É que, naquele mesmo mês, o remoto mundo particular de Ralph e Ethel foi destruído por uma catástrofe.

NUMA TARDE de outubro, quando arrancava batatas, Ralph levantou os olhos e viu uma fumaça densa subindo em espirais do telhado de sua casa. Correu desesperadamente através da clareira. Ao saltar o riacho teve uma visão fugaz de Ethel carregando nos braços Trudy, a filhinha de seis meses, e conduzindo os dois meninos para um campo próximo. As fagulhas da chaminé haviam pôsto fogo aos toros de cedro ressequidos. Em poucos minutos, a casa espaçosa e imaculada em que Ralph pusera dois anos de trabalho esfalfante, sua fortaleza contra os invernos setentrionais e a maior compensação de sua rude e solitária existência, era “um montão de cinzas”.

Por uma cruel ironia, Ralph não pôde salvar nada do que havia dentro



e que fôra conquistado com tanta dificuldade. Por causa dos ursos, êles tinham sempre à mão, na cabana, uma boa quantidade de munições. Então as balas começaram a pipocar como fogos de artifício. Ralph não pôde entrar.

Foi tudo destruído—as provisões para o inverno, a mobília feita à mão, quase todos os objetos de uso pessoal, os livros insubstituíveis, as espingardas que eram a fonte básica de sua

alimentação. O mais grave de tudo foi que a roupa da família inteira ficou reduzida à que êles tinham no corpo—e as três crianças estavam todas despidas quando irrompeu o fogo. Uma calamidade desoladora como essa seria suficiente para abater os espíritos mais fortes.

Atordoados e desesperados como estavam, Ralph e Ethel Edwards só tinham um breve intervalo de luz antes de serem envolvidos por outra noite congelada. Levaram apressadamente as crianças para a primitiva cabana de Ralph, de três metros por quatro, na parte mais alta da clareira.

—Graças a Deus que ainda temos a vaca para dar leite—disse Ralph à espôsa.—Teremos provavelmente que matar a vitela para comer.

Mas como arranjar utensílios de cozinha? Remexendo as cinzas ainda quentes, êle conseguiu salvar uma ou duas frigideiras retorcidas, mas ainda aproveitáveis. Foi estranho e solene o jantar que êles comeram naquela noite junto ao Lago Solitário.

Ao romper do dia, Ralph partiu para apanhar as coisas de primeira necessidade que encontrasse na cabana abandonada de um caçador amigo, perto do caminho. Dessa viagem de mais de 35 quilômetros, contando ida e volta, êle chegou com dois cobertores, umas roupas velhas e coisas de valor incalculável—linha, agulha e tesoura. Ethel colocou Johnny sobre um grande suéter, abriu-lhe os braços e cortou a vestimenta no tamanho dêle, fazendo um macacão fe-

chado, com o qual lhe salvaria a vida. Apesar das dificuldades da fazenda pesada, arranjou também maneira de fabricar roupas improvisadas para Stanley e a menina de colo.

No dia seguinte, Ralph desceu outra vez o lago, repetindo a expedição de compras essenciais, mas sem dinheiro para pagá-las. Hoje, quando se lembra da reação dos cidadãos de Bella Coola, fica com a voz embargada. Não só os comerciantes lhe concederam crédito a longo prazo, mas os amigos do litoral contribuíram imediatamente com roupas e mais de 100 dólares em dinheiro—importância correspondente a uma boa terça parte de sua renda anual. A generosidade dessa gente salvou da miséria os pioneiros do Lago Solitário. Quando êle chegou e deu a notícia à jovem e valente mãe de família que esperava na cabana de caçador com três filhos pequenos, Ethel deixou correr livremente as lágrimas de gratidão. Naquela noite, como antes de tôdas as refeições, êles baixaram a cabeça. Nunca tiveram tanta significação as palavras simples de graças que Ethel murmurou.

Durante todo aquêle inverno, em que ficaram prisioneiros da neve e em que Ralph fêz suas caçadas com o vigor concentrado de um homem que luta contra tremendas circunstâncias adversas, a família viveu na pequena cabana de terra batida, com temperaturas que do lado de fora chegavam a 35° abaixo de zero. Era um alojamento apertado para cinco pessoas. Um beliche duplo, feito de

paus atravessados e galhos de bálsamo, servia de cama aos pais. Do outro lado, havia outro beliche para os dois meninos. Era apenas de um metro a passagem no meio. A pequena Trudy dormia numa cesta, embaixo de uma mesa tósca de dobrar, encostada no armário. Não tinham fogão para cozinhar e contavam apenas com uma lareira que Ralph construía com os restos que salvara do fogão da casa destruída. Como Ethel confessou mais tarde, “não era muito fácil ser dona de casa naquele lugar”.

ANTES do incêndio da casa, Ralph tinha quase acabado um galinheiro bastante grande—de três metros e meio por seis. Sendo consideravelmente maior do que a cabana superlotada, êle começou a cuidar de convertê-lo numa casa provisória. Antes do outono, a família já tinha um teto amplo para se abrigar e uma boa quantidade de legumes, frutas, salmão e carne em conserva. Os campos cercados de sua propriedade se estendiam ao longo dos dois braços do arroio. A terra nova, as pastagens, as florestas, as montanhas, o lago—tudo isso se renovava espontaneamente e era invencível. O mesmo era Ralph Edwards.

UM DIA, os Edwards ouviram por acaso dizer que havia no mundo exterior mercado para a mais estranha das coisas—peles de esquilo! Ethel Edwards fôra desde menina perita atiradora com carabina calibre .22.

—O que você ganhar com os es-

quilos é seu, para gastar como entender—disse Ralph.

Ethel começou então a fazer excursões pela mata, cada vez que seus trabalhos de casa e quintal lhe deixavam algum tempo; nos dias bonitos, ela às vezes voltava com oito ou dez esquilos, todos invariavelmente mortos com um tiro no ouvido ou no olho, de maneira a não prejudicar as peles. O dinheiro que ganhou dessa forma para alfinêtes, a meio dólar por pele, não foi coisa desprezível. Em um ano chegou a perfazer 75 dólares. Valeu presentes de aniversário e de Natal para as crianças e outros modestos extraordinários que antes eles não tinham recursos para obter. Caracteristicamente, os Edwards aproveitavam também os cadáveres dos esquilos. A carne, moída e misturada com cereais e batata, dava um esplêndido alimento para as galinhas.

Por estranho que pareça, a necessidade de moer essa farinha serviu de ponto de partida para uma extraordinária série de aperfeiçoamentos mecânicos, que a cada passo representavam uma vitória do engenho com que Ralph modernizou a fazenda, por meios provavelmente nunca repetidos por outro habitante do sertão. As pessoas que visitam hoje Os Vidoeiros, inclusive técnicos habilitados, ainda se assombram com o aparelhamento que encontram, como uma usina elétrica e uma serra movida a eletricidade—trabalho manual de um só homem, sem auxílio de espécie alguma. A coisa começou por

causa dos esquilos de Ethel. “Se eu conseguisse arranjar uma roda hidráulica”, pensou Ralph, “teríamos resolvido o trabalho de moagem.” Assim, depois do costumeiro recurso à orientação nos livros, construiu uma roda primitiva junto à enseada, equipou-a com uma polia e acabou conseguindo um pequeno moinho bastante satisfatório. Mas êsse resultado despertou imediatamente idéias muito mais ambiciosas.

“Não falta energia aqui”, disse Ralph consigo mesmo. “Por que não usá-la?” Arranjar querosene para os lampiões era há muito tempo um trabalho miserável. Por que não arranjar um gerador, prendê-lo à roda hidráulica e dotar a cabana de luz elétrica?

Ralph comprou um pequeno gerador e ligou-o à roda por meio de uma correia, mas não houve o menor lampejo de energia elétrica. A roda hidráulica primitiva não dava número suficiente de rotações por minuto.

Não seria fácil construir uma roda melhor mas já então êle tinha um novo incentivo: se conseguisse fazer uma roda adequada, esta produziria energia suficiente para impulsionar uma serra! Serrar troncos de cedro era um trabalho demorado e penoso; o aparelhamento de tábuas razoavelmente iguais exigia muito trabalho com a enxó. Uma serra movida a eletricidade pouparia horas e horas de trabalho estafante. Por que não dotar Vidoeiros de uma serraria bem como de eletricidade?

Depois de estudar o *Guia do Cons-*

LONG-PLAY



HI-FI 2001
Lisboa in Hi-Fi
The Iberians

TAMBÉM EM 45
EXTENDED PLAY



HI-FI 2005
Night
Paradise Quartet



HI-FI 2002
Para Dançar
Pierre Kolmann
e seu conjunto



HI-FI 2006
Para Dançar
Pierre Kolmann



HI-FI 2
Boite
Nestor Campos
e seu conjunto



HI-FI 1
Turma da Gafieira



Catalógos e Informações

GRAVAÇÕES MUSIDISC LTDA.
Rua Buenos Ayres, 68-3.º And. Rio

trutor de Moinhos e do Mecânico, Ralph construiu uma grande roda de água, utilizando uma série de copos para fazê-la girar com o jacto. Fêz êsses copos de metades de latas de meio quilo de leite em pó, que abriu, torcendo e dando-lhes a forma necessária; depois pregou-as sòlida-mente na orla exterior da grande roda. Para dar maior fôrça às águas do ribeiro, construiu uma reprêsa de três metros de altura e para conduzir a água preparou longos tubos de madeira ôca e inseriu-os na reprêsa, de modo a que a roda em movimento fôsse atingida por muitos jactos fortes. Depois adaptou uma polia e uma correia entre a roda e o gerador. Os jactos de água batiam nos copos. A grande roda começou a girar cada vez mais depressa. A correia se pôs em movimento. A coisa funcionou! E os Edwards tiveram eletricidade no sertão! A luz da pequena lâmpada isolada na cabana, à noite, continha uma promessa de outras revoluções mecânicas futuras.

Para uma serraria a roda de água era lenta demais. Ralph precisava de um eixo que fizesse 200 rotações por minuto. A fim de aumentar a velocidade instalou um contra-eixo de cêrca de meio metro de diâmetro e conseguiu o número preciso de rotações. Mas o seu problema estava ainda longe da solução. As rodas giraram algum tempo e depois pararam.

A princípio, êle havia ligado as duas rodas propulsoras com corda de manila. Quando a corda estava sêca, tudo funcionava muito bem. Mas era

impossível impedir que a água levantada enxarcasse a corda, e então esta se apertava até fazer parar o mecanismo, ou arrebentar.

“Por que não experimentar couro cru?” perguntou Ralph a si mesmo. Como em tantos outros casos, êle nunca ouvira falar nesse recurso, mas já tinha usado couro cru para coisas de toda a espécie no sítio. Assim, pôs-se a tecer uma corda de oito fios de couro cru, com 50 metros de comprimento. Era preciso que fôsse assim comprida para alcançar toda a circunferência da roda, as polias e o contra-eixo. Com o auxílio da pequena e ativíssima Trudy, o serviço foi realizado. Ralph amaciou o couro cru com gordura de urso, colocou-o no lugar, pôs a roda em movimento... e a sua serraria passou a ser uma realidade.

Quando visitei os Vidoeiros em fevereiro de 1956, a corda de couro de vaca que então servia à roda de água vinha funcionando regularmente havia nove anos!

Como a escola mais próxima ficava a uma distância de alguns dias de viagem, Ralph e Ethel Edwards não tinham outro remédio senão educar os filhos em casa, no fim de dias estafantes de 12 horas de trabalho manual. Stanley, Johnny e a pequena Trudy eram de uma curiosidade insaciável, e suas perguntas muitas vezes embarçavam os pais. Ralph, que só fizera quatro anos de escola primária, não cessava de mandar buscar livros e mais livros. E assim, não tar-

Tudo brilhante— num instante!



POLIDOR PARA METAIS

DUPONT

MARCA REGISTRADA

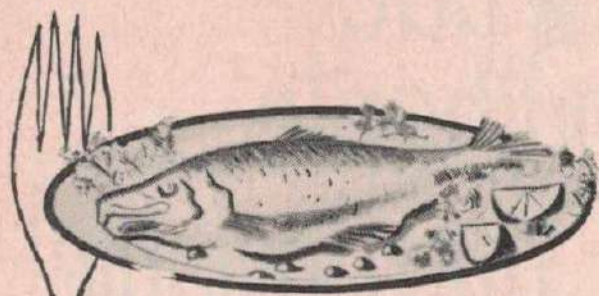
limpa e dá brilho, sem riscar!

Dá brilho rápido e intenso nos objetos de metal, superfícies niqueladas, pias e talheres de aço inoxidável, vasilhas de cobre, lustres, maçanetas, objetos de latão e bronze, partes cromadas do automóvel etc.

Du Pont do Brasil S. A. — Indústrias Químicas

São Paulo — Caixa Postal 8112

Rio de Janeiro — Caixa Postal 710



tão indispensável como



o sal e a pimenta...



AJI-NO-MOTO

o tempêro mágico

**...realça o sabor
natural dos
alimentos!**



Solicite amostras **GRÁTIS**
na sua mercearia
ou pelo telefone 35-5044

AJINOMOTO DO BRASIL S.A.
INDÚSTRIA E COMÉRCIO
Av. Lacerda Franco 1110 - S. Paulo - Brasil

dou que os pais comessem a instruir-se em muitas matérias, para acompanhar os filhos.

Obtiveram também do Departamento de Educação da Colúmbia Britânica os cursos por correspondência para as crianças que vivem em lugares isolados. Dessa forma as crianças "freqüentaram a escola" sem nunca terem visto uma escola. Faziam por escrito todos os deveres recebidos pelo correio e foram aprovadas nos seus exames, ano após ano.

Astuciosamente, Ralph inventava meios de tornar as lições mais interessantes. Fazia os meninos aplicarem a Matemática em trabalhos que estavam sendo feitos na propriedade, como por exemplo, calcular os metros de tábuas necessários para o novo estábulo, ou a quantidade de energia necessária para levantar um cepo de determinado peso. Adquiriu livros sobre Mineralogia. Instalou um laboratório químico. Poucos pais já terão participado tão completamente da instrução dos filhos.

Trudy, que tinha então dez anos, mergulhou nos estudos como uma verdadeira Edwards, escolhendo a aviação como primeira matéria. Daí saltou para a Astronomia e depois para a Botânica. Dentro de pouco tempo, chamava pelo nome científico quase todas as árvores, plantas e flores do seu mundo selvagem.

Um professor por correspondência determinou a Trudy que fizesse excursões pela mata e apresentasse um relatório escrito do que observara. Depois de estudar os estragos causa-

dos por parasitas—como a larva do *Sycolytidae* matava certas árvores, como a larva do *Heliothis virescens* e insetos similares prejudicavam outras—ela preparou um folheto, com os casos todos ilustrados em côres. Alguns anos mais tarde, o Professor Ronald H. MacKay, do Serviço Canadense de Vida Silvestre, teria ocasião de declarar que os conhecimentos de Trudy sobre Botânica e Zoologia eram equivalentes a um curso universitário dessas matérias.

Os filhos dos Edwards terão sido prejudicados pela falta de uma educação “regular”? Ralph nos dá a resposta em poucas palavras:

—Achamos que eles têm provavelmente uma educação mais completa do que a maioria das crianças de hoje. A explicação talvez seja o tipo de vida que levamos aqui: eles compreenderam de início que, quando se quer alguma coisa, é preciso trabalhar para conseguí-la. Nunca esperaram que o govêrno, ou qualquer outra pessoa, providenciasse por eles.

Atualmente a biblioteca do Lago Solitário consiste em várias centenas de volumes cuidadosamente selecionados. Entre eles, não me espantei de encontrar livros diretamente relacionados com problemas da vida no sertão. Comecei porém a coçar a cabeça quando li títulos como êstes: *Introdução à Citologia*, *Paleontologia*, *Entomologia Aplicada* e *Limnologia*. Emparelhada com várias dezenas de romances clássicos, acomodava-se de maneira imprevisível *A Psicologia da Música*. Ao lado de *Centenas de*



Panex
TEM TUDO PARA
A SUA COZINHA!

PANEX tem todos os utensílios de cozinha... e ainda outros, de fabricação exclusiva! Renove sua bateria de cozinha com os alumínio indeformáveis PANEX: o primeiro nome em alumínio.

7 entre 10 famílias usam

ALUMÍNIO

Panex

SÃO PAULO: R. João Adolfo 118 — RIO: R. Visc. de Inhauma 134-7*

Coisas que uma Menina Pode Fazer, viam-se obras disparatadas como *Terras e Povos da Ásia* e o *Walden* de Thoreau. O mais gasto de todos os volumes era um grande dicionário da língua inglesa.

Aos 17 ANOS, o jovem Stanley Edwards estava ansioso por fazer exatamente o que seu pai fizera exatamente na mesma idade—ser independente. Passados mais dois anos, Johnny manifestou um desejo igualmente intenso de fazer a mesma coisa. Ralph Edwards não era homem para servir de obstáculo a aspirações dessa natureza e, nessas condições, incitou os filhos a seguirem o seu caminho. Com o tempo, ambos partiram para o “exterior”. Stanley tornou-se próspero eletricista, John é fotógrafo perito. Trudy ficou no Lago Solitário.

Aos 21 anos, agindo com firmeza de acordo com a tradição paterna, Trudy Edwards começou a procurar “um trecho de sertão realmente agradável para civilizar”. A dois quilômetros e meio da clareira dos pais, na direção das cabeceiras do Rio Atnarko, ela encontrou o que queria—65 hectares de terras baixas, com densas florestas de cedros e pinheiros que se elevavam até 35 metros de altura. E lá se foi ela, sòzinha, para desbastar 33 hectares dessa propriedade, numa empreitada tão arrojada que a maioria dos homens interessados em arranjar terras não teriam iniciado. Mas era exatamente a dificuldade que convinha a uma representante da família Edwards.

Trudy construiu uma ponte de 10 metros sôbre o rio, abriu um caminho vale acima e construiu uma cabana para si de modo a ter um lugar onde viver—sòzinha, naturalmente—enquanto abatia os gigantes da floresta. A seguir construiu um estábulo, que acomodava 14 vacas em baias, e palheiro com capacidade para 68 toneladas de feno. Por fim, acrescentou um amplo pátio cercado (para manter à distância os ursos e os veados), com um portão de vaivém maravilhosamente colocado. E naquele outono começou a derrubada no primeiro hectare, onde os vidoeiros eram mais novos, atingindo só uns dez metros de altura.

Estava um dia ocupada nessa ta-



refa quando um grande alce de olhar maligno interrompeu o seu trabalho, obrigando-a a refugiar-se num tronco alto. O animal acabou por afastar-se, como se procurasse outras diversões. Mal Trudy deu alguns passos, porém, o alce fêz bruscamente meia volta e atacou-a, com os chifres baixos. Ela não teve tempo para correr. Então, brandindo o machado de dois gumes, investiu contra o alce!

Inteiramente colhido de surpresa, o enorme animal tentou retroceder na sua arremetida e escorregou com as patas dianteiras num tronco caído. Com tóda fôrça, Trudy brandiu o machado contra a cabeça do animal, cravando-o no tronco a uns dois centímetros do seu focinho. Antes que ela pudesse brandir o machado novamente, o alce já se tinha precipitado para a mata.

—Pulei por cima do tronco e corri atrás dêle—contou Trudy mais tarde aos pais, e acrescentou:—Eu também rugia!

Aquêle alce nunca mais apareceu no trecho do sertão de Trudy.

Em fevereiro de 1956, quando fui respeitosamente inspecionar a propriedade de Trudy, ela já havia desbastado uma faixa de quase um quilômetro ao longo do rio, com 30 a 60 metros de largura. Todo o corredor—o único espaço aberto que já existiu no Atnarko desde a Era Glaciária—estava literalmente coalhado de tocos de árvores, muitos dêles com quase um metro de diâmetro.

—O que pretendo fazer agora—explicou Trudy—é trazer o destoca-

dor de papai e extraí-los. Depois disso, começarei a derrubar mais árvores. A área desmatada deve ser de uns quatro hectares. Só me faltam agora 28 hectares.

QUANDO o primeiro aeroplano passou em vôo rasante sôbre o Lago Solitário, por volta de 1935, sua rápida passagem se cristalizou numa obsessão que dominou todos os esforços de Ralph Edwards durante os 20 anos seguintes. Fôsse como fôsse, êles *tinham* que arranjar um hidroplano. Era o único meio de transportar para o mercado a produção cada vez maior de seu sítio sertanejo. Mas os recursos para arranjar um aeroplano pareciam então inatingíveis. Era como se êles quisessem alcançar as asas de uma águia. Mesmo um hidroplano de segunda mão custaria 4.000 dólares. Evidentemente, confessou Ralph a Ethel, “o transporte aéreo é uma coisa com que dificilmente poderemos contar. Será preciso muito tempo para isso”. Durante os próximos sete anos, não foi possível senão sonhar, planejar e poupar alguns dólares. Nessa base, êle sabia que eram muito precárias suas probabilidades de comprar um avião.

Foi então que o pequeno pioneiro tomou sua decisão mais audaciosa. Com exceção do motor, *êle mesmo projetaria e construiria seu hidroplano!*

Mas para isso precisaria primeiro instruir-se por conta própria em tôdas as complexidades da Aeronáutica—desde Meteorologia e Mecânica até projeção de modelos e técnicas

de vôo. Em todos aquêles anos, fazendo as coisas com as próprias mãos, êle nunca encetara empreendimento tão grave. Entretanto, quando mais tarde me falou sôbre essa decisão, êle o fêz como se se tratasse da coisa mais corriqueira do mundo.

—Mandamos buscar livros—disse êle—mas logo que comecei a cogitar da parte mecânica, verifiquei que a minha Matemática não era grande coisa. Assim, para compreender o que lia, precisei arranjar livros sôbre Matemática.

Começando pela *Matemática Prática*, Ralph dedicou anos de estudos à noite, para dominar tudo, desde álgebra até cálculo diferencial e integral. Achou que a trigonometria era “muito fácil e os logarítimos em grande parte uma questão de tábuas”. Conseguiu afinal um bom conhecimento prático de cálculo diferencial.

—Mas quando cheguei ao cálculo integral—confessa êle—empaquei.

Ainda assim, seus estudos progrediram suficientemente para que êle chegasse ao ponto de compreender “do que se tratava”. Então pôde prosseguir do ponto onde esperava começar.

Trudy, igualmente entusiasmada e impaciente, “lia praticamente por cima de meu ombro”. Estavam empenhados juntos na grande, longa e decisiva batalha em que—para êles—a derrota era inimaginável. Juntos leram volumes e mais volumes sôbre tôdas as fases de projeção e construção de aeroplanos.

Trudy revelou uma apreensão rápida dos princípios de Aeronáutica; mas, quando foi preciso abordar problemas de Mecânica que exigiam Matemática Superior, Ralph teve que dominar sòzinho essas complexidades. Pouco a pouco, êle foi assimilando, um depois do outro, volumes grossos e altamente complicados, como *Aerodinâmica Mecânica*, *Aerodinâmica Técnica* e *Vibração e Trepidação de Aviões*.

—Às vezes—recorda êle—era duro resolver inteiramente sòzinho problemas de trepidação, vibração e sustentação.

Todos êsses cálculos dependiam do pêso e potência do motor que seu hidroplano teria. Prevendo isso, Ralph adquirira de segunda mão—para sua grande felicidade futura—um motor Continental seguro, de 85 cavalos. Podia então calcular que tipo de estrutura melhor se adaptaria em tôrno dêle. Estava assim pronto para escolher o aerofólio (forma das asas) que asseguraria boa fôrça de sustentação, “para poder levantar vôo depressa, por cima destas montanhas”.

Pouco a pouco, êle foi vencendo os obstáculos. Enquanto isso, porém, tinham surgido em sua vida novas revelações, que abriam outra porta para o objetivo durante tanto tempo procurado—e isso graças aos cisnes selvagens.

EM 1949, o Serviço Canadense de Vida Silvestre autorizou, a título experimental, um fornecimento aéreo de

GANHE MAIS!

nas horas vagas

VENDENDO

**CASIMIRAS
e LINHOS**

pelo reembolso
postal.

Firma conceituada e
idônea operando em
tecidos há 28 anos admite
agentes para todo o Brasil.

**DAMOS EXCELENTE COMISSÃO
E MOSTRUÁRIO GRÁTIS.**

Escreva-nos ainda HOJE

TECIDOS LASCO

Caixa Postal 13.828

**Agência Postal do Bom Retiro
SÃO PAULO**

cevada para alimentar, durante o inverno, os grandes cisnes selvagens que, ameaçados de extinção, tinham no Lago Solitário um de seus últimos redutos na América do Norte. Em agosto, o piloto Johnny Hatch pousou o primeiro avião de abastecimento no Lago Solitário e deslizou devagar pela lagoa, defrontando-se com uma série de surpresas das quais não se refez até agora.

Ao aproximar-se da praia, Hatch viu um homenzinho de barba vermelha espetada, avançando por dentro da água, mergulhado até às axilas — com macacão e tudo — para amarrar o seu hidroplano. O veterano piloto das selvas olhou rindo um espetáculo que lembrava muito Sócrates tomando banho. Já ouvira falar bastante sobre Ralph Edwards, do Lago Solitário, mas não previra essa recepção nem tudo o mais que se seguiu.

Quando acabou de percorrer o rancho e ver a usina elétrica com a roda de água, a serraria e muitas outras espantosas engenhocas criadas pela habilidade de Ralph Edwards, Johnny espantou-se ainda mais. Quando Trudy se pôs a fazer-lhe perguntas sobre um certo tipo de magneto, êle não tardou a descobrir — com novo assombro — que “ela sabia tudo o que se podia saber sobre bobinas de indução, campos magnéticos, etc. — e aprendera tudo isso em livros!” Quando Ralph lhe mostrou os primeiros desenhos de seu projeto de um hidroplano, Johnny ficou boquiaberto e interiormente aterrado com a enormidade do projeto.

A princípio, Ralph ficou encantado com a possibilidade de conversar sobre aviões com Johnny e outros pilotos que mais tarde foram levar cevada. Mas não tardou que êsses visitantes de fora lhe causassem uma decepção esmagadora. Ela seria suficiente para fazer desesperar qualquer pessoa menos rija do que o pequeno pioneiro.

— Nós sabemos que você é capaz de construir o aeroplano—disseram-lhe os aviadores—mas, quando acabar de construí-lo, entrará em choque com as exigências do govêrno. Não é permitido voar num aeroplano de construção particular sem que êle seja submetido a tôdas as provas que o Departamento de Transportes possa imaginar. É a lei. Até que o Departamento *chegasse* a dar-lhe a autorização para voar, já se teriam passado três anos. Ou então o aparelho poderia ser sumàriamente desclassificado.

Ouvir isso ao cabo de dez anos de marcha de tartaruga, desde a álgebra elementar até à prancheta de projeção aeronáutica!

O que êsse amargo e duro golpe deve ter significado para Ralph eu posso apenas tentar imaginar, pois êle só me disse:

— Isso nos fêz começar a pensar sèriamente na compra dum avião. Nós simplesmente não podíamos esperar muitos anos mais para voar.

Mas teriam sido desperdiçados os incalculáveis esforços de Ralph? Vocês poderão avaliar dentro em pouco quão ricamente êles foram recom-

Protegendo
seu próprio rôlo
com o protetor plástico

ADEZITE Fita adesiva transparente

domina a preferência geral

PROTETOR PLÁSTICO

resolve o problema da conservação do rôlo, evitando seu afunilamento

e também evita que os rolos se grudem porque mantém uma área de ventilação.

Ao comprar **ADEZITE** do revendedor exija o protetor plástico (patenteado). Qualquer imitação não solucionará seu problema

ADEZITE S/A



Indústria Brasileira

Seção de vendas:

R. Marconi, 107 - 6ª. s. / 601/605 - Tels.: 32-1361 - 34-8416

C. Postal 297 - S. Paulo

Filial: R. Assembléia, 52 - Tel. 42-7070 - R. de JANEIRO

pensados e de que maneiras variadas —e Trudy também. Devo apenas observar aqui que o propósito essencial do pioneiro era o domínio dos elementos básicos de Mecânica Aero-náutica. Sua finalidade principal era *saber o suficiente* para construir um avião. Isso êle conseguira—como daí a pouco tempo demonstraria, de maneira memorável.

NA VIAGEM seguinte, Johnny Hatch informou a Ralph:

—Andei dando uma busca no mercado de segunda mão. Procurando bem, creio que você poderá encontrar um hidroplano ao seu alcance.

Isso era quanto bastava como estímulo para o pai e a filha. Durante os longos anos de estudos de aviação, êles vinham lentamente formando o “fundo para o avião”. O abismo que existira outrora entre suas economias e os preços de segunda mão tinha-se estreitado.

Resolveram assim que Trudy frequentaria uma escola de pilotagem de Vancouver, tiraria seu brevê e depois compraria um hidroplano de segunda mão. Iria ela primeiro porque seu pai estava com 62 anos e a idade poderia pesar contra êle.

Quando Trudy chegou a Vancouver, em fins da primavera de 1953, já se vinha preparando para êsse momento havia exatamente 13 anos. Como já ultrapassara de muito os cursos elementares em terra, começou logo, como um cisnezinho, com os primeiros exercícios de vôo, e progrediu rapidamente até à fase final

do solo. Em duas semanas, obteve seu brevê. Comprou então um Taylorcraft de 65 h.p., de segunda mão, obteve a licença e partiu para casa.

No dia 8 de julho, às cinco horas da tarde, Ralph Edwards ouviu o ronco de um motor de avião do lado do sul, aproximando-se do Lago Solitário. Depois avistou um minúsculo hidroplano azul e dourado que descia sôbre o vale, baixando e roçando intencionalmente os cumes dos cedros gigantescos, baixando, baixando . . .

—Lá vem ela!—berrou êle para Ethel.

Correram como loucos, sufocados de entusiasmo, rumo à lagoa.

No momento em que chegaram à praia, Trudy deslizava devagar ao encontro dêles . . . sua filha piloto . . . o hidroplano que era dêles . . . a realização palpável, objetiva, de um sonho de tôda a vida. De repente, os longos, os longos anos de apêgo àquele sonho aparentemente inatingível, os anos de poupança de níqueis, os dez anos de autodidatismo solitário sôbre ciência aeronáutica—tudo isso desapareceu no júbilo maravilhoso da realização.

Hoje, quando Ralph revive a chegada de Trudy, seus olhos se enchem de lágrimas. Não é possível pôr em palavras os sacrifícios de uma fé insuperável, nem a consumação de um imenso desejo, nem o sentido do fim da solidão para vidas sertanejas.

NA MANHÃ seguinte, os pioneiros mais felizes do mundo, Trudy e seu pai,



Para que o Senhor possa se convencer, pessoalmente, da superior qualidade de nosso produto, teremos prazer em lhe enviar, gratuitamente, duas lâminas SUPREMA, pelo correio. Basta escrever para a Caixa Postal 3.925 - São Paulo, indicando o seu nome e endereço.



LÂMINA

SUPREMA

FABRASA S. A. — Fábrica Brasileira de Lâminas
Rua Quirino de Andrade, 219 — São Paulo

levantaram vôo do Lago Solitário, no seu hidroplano de dois lugares, a fim de organizarem a freguesia e prepararem a sua empresa de entregas de avião, há tanto planejada. Voando por cima dos 2.400 metros de altura do flanco de Old Baldy, eles chegaram em menos de 40 minutos aos acampamentos de verão do grande Lago Charlotte—uma viagem que levava dois dias a pé. Verduras frescas? Uma ou duas vezes por semana? Espantados, os novos fregueses não revelariam mais entusiasmo se vivessem no Círculo Ártico. Dentro de pouco tempo, Trudy estava entregando os suculentos produtos dos Vidoeiros, inclusive creme fresco e manteiga, a muitos veranistas isolados nas montanhas.

Havia ocasiões em que Trudy fazia três ou quatro viagens por dia ao interior; outras vezes voava até Bella Coola, no litoral, com carne e verduras. Em meados do outono, havia feito entrega de umas três toneladas das magníficas safras dos Vidoeiros, elevando os lucros da estância-fazenda a culminâncias nunca atingidas.

Em março do ano seguinte, Ralph Edwards foi a Vancouver para tirar, também ele, o *seu* brevê. Quando se apresentou para exame de saúde, o médico olhou de alto abaixo o pioneiro grisalho e de baixa estatura sem disfarçar o cepticismo.

—O senhor não acha que está velho demais para voar?—perguntou-lhe bruscamente.

Era a única pergunta que Ralph temia. Seria possível que um buro-

crata meticoloso viesse agora atrapar-lhar sua apaixonada aspiração de tãda a vida?

Com uma calma aparentemente imperturbável e sentindo por dentro o oposto, Ralph respondeu:

—Tenho 62 anos. Segundo me consta, qualquer pessoa pode pilotar o seu próprio avião, independentemente da idade, desde que passe nas provas de vôo.

O médico burocrata não se deixou absolutamente convencer sãbre esse ponto, mas, consultando por telefone o Departamento de Transportes, aceitou com relutância o veredicto favorável.

Depois do exame, porém, exclamou com incredulidade:

—Mas o senhor tem a pressão sanguínea de um homem de 26 anos!

E acabou reconhecendo:

—O senhor está em melhores condições físicas do que a maioria dos homens com a metade da sua idade.

Daí por diante, só um ato de Deus impediria Ralph Edwards de voar.

Imediatamente se dedicou ao seu treinamento de pilãto com o entusiasmo de um rapaz. Ao cabo de 28 horas de instrução, começou a voar sãzinho. Ralph Edwards foi o homem mais velho que já se brevetou no Canadá.

DE VOLTA à casa, a primeira preocupação de Ralph foi familiarizar-se com o próprio avião, pois o seu aparelho de treinamento fãra um moadelo maior e completamente diferente. Com Trudy como co-pilãto, pra-

de nova vida a seus filhos com TODDY



Dê fãrça, vigor, energia e rapidez mental a seus filhos com TODDY, o amigo e protetor das crianãas em todo o mundo, durante geraães.

TODDY é o protetor e amigo das crianãas.



**Quem sabe...
sabe!**

ticou decolagem e amerissagem no pequeno Taylorcraft “durante cêrca de uma hora”.

Depois—com essa breve introdução e com *menos de 17 horas de vôo solo*—meteu-se a transportar os produtos de sua fazenda por sôbre as montanhas escarpadas. Durante todo o verão de 1954 parecia que a procura dos produtos dos Edwards seria bem maior do que a quantidade que êles podiam fornecer.

Mas aí, em outubro, justamente quando a safra chegara ao máximo de abundância, o velho motor do Taylorcraft parou, sem possibilidade de consêrto. Isso significava a perda de quase todos os seus produtos de venda. Podia ter sido um desastre. Mas foi então que a determinação inicial de Ralph de construir seu próprio avião e os longos anos de autodidatismo aeronáutico mais uma vez compensaram de maneira extraordinária.

—Teremos que substituir o motor pelo velho Continental de 85 cavalos—disse êle a Trudy.—É verdade que pesa mais quatro quilos e meio do que o Taylorcraft. Vão ser necessários uns reajustamentos muito delicados.

“Uns reajustamentos muito delicados” era dizer pouco. Não seriam muitos os pilotos capazes de tentar alterações de estrutura e instalações dessa natureza, tôdas elas exigindo a perícia de mecânicos experimentados, com uma grande variedade de acessórios sobressalentes à sua disposição. Mas as equações de Ralph indicavam que era possível—e isso era a

única coisa que êle precisava saber sôbre qualquer problema.

Pondo em prática os conhecimentos de Matemática Superior que adquirira tão penosamente, Ralph calculou primeiro o efeito que um acréscimo de quatro quilos e meio ao pêso do motor produziria sôbre o centro de gravidade do hidroplano. Com a sua “Sexta-feira” feminina como ajudante de mecânico, êle foi Tateando através de uma selva de fios, cabos, mostradores e instrumentos. Levaram seis semanas para fazer as alterações estruturais e conseguir instalar o motor.

Mas como funcionaria? O “85” estava guardado na fazenda havia oito invernos, compreendendo o de 43 graus abaixo de zero, que batera todos os recordes. É verdade que Ralph o tratara com o mesmo cuidado que dedicava a todos os objetos que algum dia pudessem ser úteis. Conservara o motor sempre sôbre suportes, lubrificando-o e pondo-o em movimento várias vêzes por semana—durante oito anos!

Agora, ao primeiro toque, o motor pegou e ronronou. Ainda assim, restava o problema crítico: poderia o Taylorcraft voar com êsse motor mais pesado?

Ralph rolou devagar pela lagoa, num vôo experimental que, em circunstâncias semelhantes, causaria muita preocupação aos mais experimentados pilotos. Depois ligou a propulsão e imediatamente o pequeno hidroplano ganhou velocidade para levantar vôo, como um cisne selva-

gem. Daí a pouco estava circulando sem esforço. A dura aprendizagem de Ralph em matéria de aviação evitara que a família Edwards ficasse presa à terra indefinidamente.

Entretanto, as alterações do avião tinham que ser aprovadas pelo Departamento de Transportes antes da concessão de um novo certificado de boas condições de vôo. Ralph foi de avião até Vancouver e submeteu o aparelho a inspeção.

Dennis McCartney, gerente da Companhia de Vendas de Aeronaves de Vancouver, que estava de serviço naquele dia, nunca há de esquecer suas primeiras impressões.

—Foi a coisa mais extraordinária que já vi na minha vida—recorda êle.—Aquêl motor tinha a cobertura de um avião Globe-Swift—não de um Taylorcraft! Assim sendo, êle a reduziu. Fizera a instalação da capota do motor com tanto cuidado que conseguira evitar o grande perigo de superaquecimento. Poder-se-ia dizer que era um grande risco fazer essa alteração; mas, considerando o

cuidado que êle põe em tudo que faz, não me parece que fôsse êsse o caso. Naturalmente, o que êle fêz contrariava frontalmente os regulamentos . . .

Os mecânicos verificaram que Edwards substituíra o tacômetro do velho motor, que tinha os ponteiros para a esquerda, pelo do motor de 85 cavalos, que tinha os ponteiros para a direita—operação extremamente complexa. Para isso, tinha também encurtado o eixo de transmissão do "85". Que mais? Usara o mostrador de um velho relógio na caixa de instrumentos! O inspetor do Departamento de Transportes ficou horrorizado com essas improvisações, mas deu a Ralph o precioso certificado. Como já estivesse chegando o fim de dezembro, Ralph estava ansioso por chegar a casa para o Natal. Os mecânicos trabalharam horas extraordinárias para terminar a inspeção no dia 24 de dezembro, e êle partiu imediatamente para o Lago Solitário. Durante todo o tempo de sua ausência, Ethel e Trudy



De Villiers

tinham vivido numa terrível incerteza: seria aceito o motor trocado, ou seriam êles condenados a ficar presos em terra?

Estavam à espera na lagoa gelada, radiantes de alegria quando êle chegou. Foi o Natal mais feliz que passaram na vida.

UM DIA, no verão seguinte, Ethel Edwards olhou pela janela da cabana e viu uma coisa muito mais assustadora do que um urso no canteiro de repolhos. Um rapaz alto vinha subindo a picada. De onde poderia êle vir?

Com maneiras corteses e agradáveis, êsse protótipo de homem de Marte explicou que fôra "andando pelas montanhas", numa excursão de férias. Ouvira dizer que a região do Lago Solitário era particularmente bonita. Os Edwards se importariam que êle ficasse alguns dias? Poderia com prazer ajudar nas tarefas domésticas e tinha tudo o que precisava, inclusive um saco de dormir.

A sinceridade de um homem que faz a pé o caminho até ao alto do vale do Atnarko não pode ser posta em dúvida. A resposta não podia deixar de ser favorável.

E foi assim que Jack Turner se demorou por ali, descobrindo os esplendores do Lago Solitário. Era engenheiro civil e agrimensor e passava grande parte de seu tempo nas regiões mais inacessíveis da Colúmbia Britânica. Enamorado da natureza, achava-se entre espíritos irmãos. E a primeira impressão favorável dos

Estas companhias...

... e outras empresas de aviação comercial utilizam os rápidos e luxuosos quadrimotores Douglas DC-6 e DC-6B, ou os da nova série DC-7:

AEROLINEAS ARGENTINAS
 *AIR LIBAN
 *ALASKA AIRLINES
 ALITALIA
 AMERICAN AIRLINES
 AUSTRALIAN NATIONAL AIRWAYS
 BRANIFF INTERNATIONAL AIRWAYS
 BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORP.
 CANADIAN PACIFIC AIR LINES
 CATHAY PACIFIC AIRWAYS
 CONTINENTAL AIR LINES
 DELTA AIR LINES
 EASTERN AIR LINES
 *ETHIOPIAN AIRLINES
 FLYING TIGER LINE
 *GREAT LAKES AIRLINES
 *HUNTING-CLAN AIR TRANSPORT
 JAPAN AIR LINES
 KLM ROYAL DUTCH AIR LINES
 LINEA AEREA NACIONAL DE CHILE
 LINEE AEREE ITALIANE
 *LOIDE AEREO NACIONAL
 *LOS ANGELES AIR SERVICE
 *MARITIME CENTRAL AIRWAYS
 MEXICANA DE AVIACION
 NATIONAL AIRLINES
 NORTHEAST AIRLINES
 NORTHWEST ORIENT AIRLINES
 *OLYMPIC AIRWAYS
 *OVERSEAS NATIONAL AIRWAYS
 PANAGRA
 PANAIR DO BRASIL
 PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
 *RIDDLE AIRLINES
 SABENA BELGIAN WORLD AIRLINES
 SCANDINAVIAN AIRLINES SYSTEM
 SLICK AIRWAYS
 SOUTH AFRICAN AIRWAYS
 SWISSAIR
 TASMAN EMPIRE AIRWAYS LTD.
 †TRANS CARIBBEAN AIRWAYS
 TRANSPORTS AERIENS INTERCONTINENTAUX
 UNION AEROMARITIME DE TRANSPORT
 UNITED AIR LINES
 WESTERN AIR LINES

*Em serviço brevemente

†Licença requerida

O Douglas é usado
 por mais pessoas e mais companhias
 do que todos os outros aviões juntos



Edwards foi muito intensificada pela maneira como o inesperado visitante manejava o machado.

Antes de se pôr a caminho para a penosa viagem de volta, Turner indagou, com certa timidez, se podia visitar novamente os Edwards. A decisão foi a que era de esperar—e unânime. O rapaz prometeu escrever quando voltasse ao trabalho—e cumpriu a promessa. Quando as cartas chegaram, eram endereçadas a Trudy.

Durante a segunda visita, que foi muito mais prolongada, Jack Turner provou que era um excelente agrimensur. E cada vez que calculava qual o serviço que precisaria de mais

um auxiliar, era sempre algum serviço que Trudy estivesse prestes a iniciar. Assim, quase todos os dias, até sua partida, em fins de agosto, os dois subiam o vale em direção à propriedade de Trudy, e trabalhavam juntos até escurecer, derrubando árvores ou extraindo tocos imensos, numa nova ofensiva de liberação do solo.

E ainda outro dia, no fim de uma carta de Ralph Edwards, eu li esta frase: "P.S.—Jack Turner convenceu Trudy a se casar com êle, o casamento será na primavera."

E assim prossegue a dinastia do Lago Solitário!



"Entre Aspas"

QUEM ANUNCIA SEUS problemas parece que nunca chega a vender o estoque.

—Frances Rodman, em *The Saturday Evening Post*

QUALQUER pancada em defesa da reputação de uma mulher pode deixar marca na reputação.

—Gilbert Miller, NANA

Só o MEDÍOCRE está sempre em plena forma.

—Somerset Maugham, em *Ladies' Home Journal*

QUALQUER homem que vença a espôsa numa discussão só tem que culpar a si mesmo.

—Franklin P. Jones, em *The Saturday Evening Post*

NINGUÉM é tão valente como o anônimo.

—K. K. Steincke

A IDADE mais difícil para a mulher é aquela que o marido está atravessando.

—Fletcher Knebel, *The Register and Tribune Syndicate*

Voz que sai do camarim de um ator de Hollywood: Não sou presunçoso, embora Deus saiba que tenho tôdas as razões para o ser!

—Mike Connolly, em *The Hollywood Reporter*